

A formação da identidade indígena em *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara

FONSECA, Juliana Tomkowski M. da
CUNHA, Rubelise

¹Universidade Federal do Rio Grande - julianatmfonseca@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande – rubeliseacunha@furg.br

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa propõe-se a analisar a relação entre o conceito de hibridismo cultural, de Homi K. Bhabha, com os processos de formação identitária na narrativa indígena *Metade Cara, Metade Máscara*, de Eliane Potiguara.

A complexidade do sujeito híbrido, em permanente diálogo com dois universos culturais, ou ainda, a identidade múltipla, em suas diversas conexões e entrelaçamentos, é uma temática bastante importante aos estudos pós-coloniais, pois ilustra bem a situação de transculturação a que muitos indivíduos colonizados foram submetidos. Para Bhabha (1998), O hibridismo é fruto da situação colonial em que a irônica relação de inferioridade e superioridade travada entre as partes provoca a relativização e o questionamento dos dois sistemas de verdades envolvidos, em um jogo de duplicidades e ambiguidades levado à linguagem. Dessa forma, o sujeito colonial e sua identidade cultural são híbridos, no sentido de que o hibridismo é elemento intrínseco à linguagem, e toda tentativa de representação desse indivíduo carrega vestígios dos dois discursos, condensando diferenças.

Propondo um entendimento de Literatura como prática discursiva, Bhabha pensa um terceiro espaço – um interstício - entre a visão e a interpretação do objeto. Nele, o hibridismo se torna evidente, considerando-se o contexto à volta de quem lê e faz as associações significante/significado. “É o espaço da intervenção que emerge nos interstícios culturais que introduz a invenção criativa dentro da existência” (Bhabha, 1998, p. 29).

Sob esse aspecto, iremos analisar a escrita de Eliane Potiguara em *Metade cara, metade máscara*. Nesse livro, a voz indígena faz-se ouvir por meio dos ecos de diferentes personagens, estórias e histórias que formam um todo completo e único. O título nos diz: metade sou um, metade sou outro. Eis o horizonte da narrativa, dividida entre dois mundos. O nome é, também, pista do que se descortinará ao leitor ao longo do livro: fragmentos, metades, retratos de uma mulher e sua história ancestral. Por meio dos relatos, Potiguara procura desvelar a face sob a máscara, revelando as cicatrizes provocadas por essa dualidade forçada. A partir da metáfora vemos a relação de imposição colonial, na qual o colonizador marca sua presença na pele do colonizado. Este não caminha mais sozinho, mas na permanente companhia daquele. Dividindo-se ao meio entre suas tradições familiares e o espírito do outro, Potiguara recria-se em discurso a partir do seu lugar de pertencimento: um meio caminho entre os ensinamentos de sua avó indígena e os contextos experimentados em suas vivências de índia desaldeada.

Até o momento, as análises realizadas sobre esta obra voltaram-se a leituras e apresentações (GRAÚNA, 2004; MUNDURUKU, 2004; SANTOS, 2005), ou ainda, sob a perspectiva comparatista com outros escritores indígenas, em que a

autora já trabalha a questão do descentramento, mas sob outro referencial teórico (SCHNEIDER, 2006).

2. MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho é produto das atividades realizadas junto ao grupo de pesquisa “Gênero Literário e Performance: As Narrativas Indígenas e a Literatura Contemporânea no Brasil e no Canadá”, sob supervisão da Profa. Dra. Rubelise da Cunha (FURG).

Primeiramente, foi realizada a leitura da obra literária de Potiguara, *Metade Cara, Metade Máscara*. Adicionalmente, investigou-se a produção crítica disponível até o presente momento (GRAÚNA, 2004; MUNDURUKU, 2004; SCHNEIDER, 2006; SANTOS, 2005). Em um segundo momento, realizou-se pesquisa bibliográfica para determinar o referencial teórico e problematizá-lo. O objetivo era encontrar conceituações relevantes para a pesquisa. Por fim, analisou-se a obra de Potiguara sob o viés teórico-crítico construído.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pluralidade de vozes envolvidas no ato de contar em *Metade cara, metade máscara* guia-nos pela linha do tempo da história nacional. Dos primeiros encontros entre europeus e índios à neocolonização em andamento na contemporaneidade, no rastro das injustiças impingidas aos nativos. A fome, a migração forçada, o assédio em relação às mulheres e todas as outras diversas dores sofridas por esse povo são narradas ao pé do ouvido do leitor, como na tradição oral, representativa daquela cultura.

Da transculturação a que foram submetidos os povos nativos, surgiram novos e imprevisíveis produtos culturais. As sociedades pós-coloniais são marcadas pela marginalização e pela aproximação dos diferentes. O sujeito híbrido pensado por Bhabha (1998) nasce desse processo, muitas vezes violento, que sempre resulta em algo novo, uma nova face. As palavras de Potiguara refletem a emergência de um posicionamento frente à história oficialmente contada, sob a perspectiva ocidental e ainda colonizante. No livro, a narradora propõe uma contra-história, articula mitos, poemas e confissões para falar sobre ser índio de maneira endógena e, assim, conquistar seu lugar de enunciação: um terceiro espaço, de diferente perspectiva. O ponto de partida não é o aqui, nem o lá, é entre, que, nas palavras de Deleuze e Guattari (1995, p. 36).

[...] não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Nubia Hanciau (2005) – baseada em pensadores como Homi. K. Bhaba, Silvano Santiago e Walter Mignolo, que utilizam os termos espaço intersticial, entre-lugar e in-between, respectivamente – discorre sobre esta situação de descentramento vivenciada pelos povos cuja unidade cultural foi debilitada, formando um todo heterogêneo: “Esses novos espaços, [...] misturados às virtualidades globais e às regionalidades enunciativas, atendem ao apelo das instâncias subjetivas dos discursos em circulação” (HANCIAU, 2005, p.217).

Deste lugar emerge a literatura produzida por Eliane Potiguara, que caminha lado a lado com as ambiguidades de sua própria identidade. A subjetividade crítica, em seu discurso, é parte integrante da ficção, das misturas de realidades e imaginários. O ser da autora é extensão da memória de seu povo, suas lembranças são nutridas por suas raízes indígenas.

4. CONCLUSÕES

O discurso é utilizado para contornar as fronteiras pré-estabelecidas, toca as duas margens e no contato constrói a ponte sobre o rio da distância. Mistura os contrários para produzir o Eu, em uma oximorização da subjetividade. A palavra, portanto, funda a identidade e a afirma. A narrativa une conceitos opostos para atribuir novos sentidos a uma cultura e valorizar a herança e memória que a constituem.

É a tentativa de criar algo novo a partir dos dois lados diferentes: de cada face, de maneira não linear e com articulação de elementos de duas matrizes – a oral e a escrita. Mergulha nas experiências de outros índios para refletir a condição colonial e – especialmente – a importância das mulheres indígenas. Nesse sentido, busca subverter significações e mitos trazidos e enxertados pela razão colonizadora.

Obras como a de Potiguara vão de encontro à opressão sedimentada pela colonização, representando uma mudança não somente nos paradigmas da História ocidental, da forma como repetidamente é contada, mas – também – no modo de se perceber o tempo como uma linha contínua e progressiva. Nas palavras de Santos (2005):

A compressão de quinhentos anos de contato entre euroamericanos e ameríndios no Brasil está em perfeita sintonia com a percepção de tempo das culturas orais, onde presente, passado e futuro estão presentes, interagindo e se modificando.

A escrita dá saltos cronológicos, entrelaçando mundos: o imposto e o da sua tradição. A análise feita sobre a despersonalização colonial revela as diversas realidades escondidas sob os rótulos do discurso dominante. Mas mais do que isso, Potiguara vai ao passado para construir o presente, (re)descobrir memórias e histórias de suas origens. “[...] ‘As recordações e os registros formais das vidas e obras dessas precursoras ancestrais’ permitem às mulheres nativas recordarem e imaginarem a si mesmas” (DONALDSON, 2006)¹.

Assim, vemos a construção de novos significados a partir da interpretação do antes e do já posto, na perspectiva do sujeito intervalar. É, no sentido pretendido por Bhabha, a ressignificação agenciada pelo hibridismo cultural, em um novo entendimento do conceito de Cultura. Agora visto como híbrido, dinâmico, desterritorializado, proporcionando o trânsito de vivências. E, também, tradutório, capaz de abarcar novas interpretações a símbolos já estabelecidos em um determinado sistema cultural.

¹ “[...] the ‘formal recollection and recording of the lives and works of these ancestor precursors’ enable Native women to remember and imagine themselves” [tradução da autora].

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. V. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DONALDSON, Laura. Red Woman, White Dreams: searching for Sacagawea. In: **Feminist Studies**. 32. n.3. Outono 2006. Online. Acesso em: 6 jul 2011. Disponível em: <<http://www.jstor.org/pss/20459103>>.

GRAÚNA, Graça. Identidade indígena: uma leitura das diferenças. In: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

HANCIAU, Núbia Jacques. O entre-lugar. In: FIGUEIREDO, E. **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: Editora UFJF/Niterói:EdUFF, 2005, p. 215-241.

MUNDURUKU, Daniel. Visões de ontem, hoje e amanhã: é hora de ler as palavras. In: POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, E. P. Quinhentos anos e uma biografia atual: Metade cara. metade máscara, de Eliane Potiguara. Trabalho apresentado no **VI Seminário Internacional de História da Literatura** - Porto Alegre: PUCRS, 2005.

SCHNEIDER, L. . Lee Maracle and Eliane Potiguara: Canadian and Brazilian writers speaking from de-centered positions about their identity construction. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN 8**, 2006, Gramado. Anais VIII Congresso Internacional da ABECAN. Porto Alegre : ABECAN, 2006. v. 1.